

## Palavras Permanentes

### Episódio 5

[ música Gal Costa ]

*Não sou mais tola, não mais me queixo  
Não tenho medo, nem esperança  
Nada do que fiz, por mais feliz  
Está à altura do que há por fazer  
Eu viveria tantas mortes  
E morreria tantas vidas  
E nunca mais me queixaria - Nunca mais*

[ violão ]

[voz Mariana Aydar]

*O meu samba é triste, o meu samba é triste - resiste  
Outro samba existe, outro samba existe  
Mas eu não sei onde está  
O meu samba é triste, o meu samba é triste - resiste  
Outro samba existe, outro samba existe  
Mas eu não sei onde está*

[Mariana Aydar] Sempre soube que meu lance com a música era no Brasil, é com a música brasileira, eu nunca... É a música que eu mais amo, assim, eu não conheço muito, não tenho, realmente, não tenho muito conhecimento de outras músicas. O que eu gosto mesmo é de música brasileira, onde eu me sinto bem, Então eu sempre tive essa certeza. Eu troquei o violoncelo para trocar triângulo, né?! Para entrar numa banda de forró, sai da Berklee. E... para o meu Pai, foi um desgosto absurdo. Ele sempre fala: “cara, você tipo... você foi tocar triângulo, você tocava violoncelo”.

[ Batida do triângulo ]

[ banda ]

[ rock com samba ]

*Pegar o São Francisco pelo rabo e pôr num bote  
Beber a raiva preta de um açude com garrote  
Explica para mim - Repete outra vez  
Se o dia fez o que fez, brincou comigo, eu tô de bode*

[Mariana] Primeiro de tudo, acho que fazer O Pedacinho Duma Asa foi muito corajoso, assim, da minha parte. No fundo, é disco de samba, porque acho que o DNA das músicas do Nuno, todas, a maioria são samba, samba mesmo, só que a gente deu outra roupagem. As letras já levam para outro lugar, mas a alma do samba está ali.

[ violão ]

[ voz ]

*Saiba ficar quieto - Saiba não compor  
Não fale do deserto, nem metrifique a flor  
Saiba não dizer que o sol te dá calor - Saiba nunca achar bonita a minha dor*

E foi o disco em que eu mais me senti realizada, assim. Eu acabei... sempre que eu acabava um disco, os outros, assim, sempre tinham uma coisinha que ficava, sabe?! Tanto de repertório quanto de arranjo, quanto da minha interpretação, ficava um negócio meio

inacabado, assim, para mim. Nesse, eu lavei a minha alma como artista. Eu falei: “É isso!”  
Tipo assim, fiz o disco que eu queria.

[som de batidas no fundo]

[portão abrindo]

[Silêncio]

[papel mexendo]

[Nuno Ramos] *O negócio com artes plásticas me veio como uma coisa muito chamativa mesmo, irrecusável. É engraçado, eu já tinha, eu acho, que 20 ou 21 anos quando eu comecei alguma coisa com artes plásticas, enfim...*

Como eu já escrevia há muito tempo, era uma segunda, era realmente uma segunda opção, assim, e aí isso, por ser uma coisa muito física, eu acho que me pegou assim, sabe? A coisa assim de um corpo, da coisa de fazer, de não ter que pensar, de não ter a palavra, não ter a página branca. Isso eu lembro muito como era mais fácil ter um papel em branco do que uma página branca. O mundo da palavra é muito diferente desse aqui, né?! E acho que até hoje eu vivo um pouco isso, alguma coisa aqui que é prática, alguma coisa aqui que é da ordem do corpo da matéria, de alguma exteriorização meio física, e o outro tem assim sei lá, uma outra... Lógico que é físico também, escrever é físico, as pessoas diminuem, não é um anjo que escreve; o cara sua, o cara sofre, o cara [gaguejo]..., mas eu acho que é... Tem essa mediação dessa coisa que é a linguagem Ela existe no cotidiano e eu estou usando isso agora. A vaselina e a parafina que eu uso aqui. Eu não levo isso no bolso, eu deixo aqui, e a linguagem com a qual eu escrevo, eu saio com ela pela minha vida toda. São raros os momentos em que a palavra está ausente. Quando dorme, essa danada está lá, talvez no orgasmo. São momentos quase “extáticos” em que a palavra para. Eu tenho composto muito, é... mas é uma experiência, para mim, próxima da literatura, compor. Porque eu tenho a impressão de que é uma espécie de poesia que eu não revejo, que eu me divirto fazendo. E aí deixo ir. Às vezes, eu não consigo nem voltar e achar de novo a melodia. Como eu toco muito mal violão, muitas vezes, eu ponho a letra, quando me mandam a letra no computador, aí não dá tempo de refazer. É uma coisa que eu deixo e vou fazendo assim, quase que num repente.

Deixe-me ver se é essa aqui talvez...

[Batidas de sapatos no chão]

[Mariana] *Você pegou o trem...*

[Nuno] Ó, vê se é essa:

[som abafado do celular] *Fiquei louco, fiquei cego, fiquei nuvem e nú  
Deixo a terra pros meus filhos*

[Nuno] É meio baiano

*tó meu Cariri*

[Mariana] Que linda!

*Se, um dia, fiz de conta, tinha alguém feliz, essa terra é minha terra quando alguém me quis*

*Chuva, seca, calma, pressa, tanto faz, eu fiz, lá na casa da alegria, tó meu Cariri*

[Mariana] Que lindo...

[Nuno] Eu gosto daquela, eu acho bonitinha aquela que a gente fez. Como é que era aquela? Uma cortinha, lembra?

[Mariana] *Vem na volta...*

[Nuno] Essa é bonitinha, né?!

*Somos nós ou a semente, vem no som que a gente canta, quase bom mas não levanta, tô assim longe de mim, tudo dorme e eu afim, ninguém responde aquela árvore parece tão longe, onde se escondem, onde*

[Mariana] Na verdade, eu estou compondo bastante e aí, para mim, é muito louco, porque sempre vem primeiro a melodia. É muito difícil colocar a letra depois ou quando vem junto, assim, e... Para você, eu acho que é uma coisa, pelo o que eu percebi, super fácil **[risos]**

[Nuno] **[risos]**

[Mariana] De colocar a letra em cima, né?! Mas aí o que você... você pensa alguma coisa, você... aquela melodia te “bota” num lugar e você vem com a melodia que vai regendo?

[Nuno] Olha, eu faço de dois jeitos. Ou eu faço os dois, ou eu faço a letra. Mas, para mim, deve ser muito mais fácil do que é para você, no sentido de que eu sou muito mais limitado musicalmente. Às vezes, o que acontece quando fico um pouco mais menos óbvio, quando eu componho duas coisas, é porque eu não consigo achar o violão, eu erro o violão, e aí, nesse erro, eu acabo indo para um lugar estranho. E você?

[Mariana] Para mim, é a melodia primeiro sempre.

[Nuno] Com violão não? Às vezes, cantando, né?

[Mariana] Quase nunca com o violão. Sem violão, vem assim do nada uma melodia, e aí depois...

[Nuno] O trabalho de arte tem algo de um ofício, quer dizer, ele não vem do zero. Você não recebe do Santo, assim, neh?! Melhor, se você recebe do Santo, é nos termos de uma linguagem que você está meio operando faz tempo... [gaguejo] quer dizer, o artista é livre a partir de recursos mínimos, às vezes. As pessoas me perguntam muito isso: “mas como é que você chegou nessa ideia?” Eu cheguei nessa ideia porque eu estou assim num túnel, e essa ideia estava lá. Eu não estou, assim, num lugar que não tem definição. Então, o trabalho de arte tem as duas coisas. Ele tem uma liberdade nesse sentido. Ele é diferente de um trabalho técnico, sei lá, mas a liberdade está em cima de elementos que o artista opera, não está em cima de qualquer coisa.

[Mariana] É, mas talvez alguns artistas que tenham essa antena um pouco mais aberta assim, para... enfim, para receber esse Santo ou para, enfim, direcionar todo esse repertório que ele tem. Uma melodia, uma canção vem igual àquela música do João Nogueira e do Paulo César Pinheiro: *Não, ela é uma luz que chega de repente*

*Com a rapidez de uma estrela cadente*

*Que acende a mente e o coração*

*É faz pensar que existe uma força maior que nos guia*

*Que está no ar, bem no meio da noite ou no claro do dia*

*Chega a nos angustiar*

[Mariana] Tipo assim, ele fala que vem do nada. Você pode estar dirigindo o seu carro, ou no meio do almoço, ou numa praia. Tem isso, assim. Para você, a inspiração chega em algum momento ou chega do nada?

[Nuno] O trabalho de artista plástico, como ele tem uma coisa exterior que é a matéria, ele é muito assim...

[Mariana] Ele tem um lugar!

[Nuno] Um lugar e uma hora, quer dizer. Eu estou lá e estou fazendo aquelas coisas. Eu estou sujo, é o meu corpo que faz e tal. A palavra tem mais a ver com um certo baixar, porque você precisa se isolar do uso comum da linguagem para tentar usar a linguagem num uso incomum.

[ Violão dedilhado ]

[Nuno] *Vou voltar a dormir quando desativarem nos pássaros seu mecanismo sonoro.*

*Harpa e penugem; ascensão, lufada; tremor capilar de uma folha, desta folha, como se o tempo sob o jugo de um arado, de um latido contínuo, nefasto, anunciasse a vinda do ponteiro! Relógio! A merda circular começou de novo! Vou voltar a dormir quando minha lassidão se espalhar sem que nenhum mecanismo camuflado em elementos naturais, estrelas repetitivas, ampulhetas de conchas cônicas recitando tiques e taques esteja visível.*

[ Violão ]

[ Música ]

[Nuno] A canção é curiosa, assim. Fazer canção é uma coisa que arrasta um pouco a fala ali consigo, quer dizer, você, quando acerta a letra, você está numa região meio da vida falada que você pode pôr, né?! Tem alguma do que nós estamos falando que, do jeito de falar, que transpõe para essa junção de melodia e letra. Aí, tem uma outra junção que é engraçada e louca, que é quando a canção vira arranjo; quando alguém canta, quer dizer, você cantar ou eu cantar a canção não tem mais nada a ver uma coisa com a outra, muda completamente, e o arranjo também. Então, a canção tem várias etapas de encarnação.

[Mariana] Total. E outra também que eu acho tão forte quanto o arranjo é a mixagem...

[Nuno] *Mixagem, né?!*

[Mariana] Porque aí, depois, você arranja daquele jeito. Aí você vai na mixagem, e o cara pode...

[Nuno] *Estragar tudo!*

[Mariana] Estragar tudo, ou melhorar tudo, ou ir para um outro lugar que, tipo... Daquele arranjo, você já vai para um outro maior ainda.

[Nuno] E o show idem. Tem show que fica bom, tem show que fica ruim. Aquele dia ficou lindo, tem dia que fica feio. Quer dizer, [gaguejo] ela é uma arte... ela pertence à poesia, de um lado, e pertence à dramaturgia, de outro. Ela é uma arte interpretativa.

[Mariana] Eu acho total isso!

[Nuno] *Que pode ser cantada de modos aliás*, como todo mundo sabe, a mesma canção vira 200 coisas... "Asa Branca", no Caetano, vira um negócio tristíssimo. Pode virar uma coisa menos triste se tocar de uma outra forma. Quer dizer, isso varia muito. A canção tem essa coisa meio vagabunda, de se prestar a muita variação. Na própria composição, e também na interpretação, e nas coisas técnicas, como você falou de mixagem. Isso dá uma região, assim, muito imprecisa, que é muito interessante na canção. Eu, quando escrevo, acho um negócio muito mais assim: "Eu escrevo, eu publico, o público lê." É um negócio muito mais assim Os parâmetros são mais fixos e a canção... Por isso que eu acho que tem a ver com parceria, com amizade, com uma energia de vida que a canção carrega mais do que outras formas de arte e como se ela hesitasse em se deixar fixar. A canção tem muito a ver com o Brasil por isso, porque ela carrega uma sociabilidade meio da gente, meio assim, informe. Ela tem alguma coisa informe que não acaba, que mesmo o mercado não consegue dar conta. Outra coisa linda da canção é que as pessoas mudam um pouco a letra, né?! É comum, assim, dar uma mexidinha. Todo mundo adapta...

[Mariana] É, tem horas que você vê meio que nem importa a letra... Um negócio meio, nossa, assim, você ouve umas músicas e fala: "nossa, eu sempre achei que era assim, mas muda totalmente o significado". Você nem prestou atenção ao significado.

[Nuno] A letra, eu acho, ajuda a dar uma formatada, porque também uma letra pode matar uma canção linda...acontece muito também.

[Mariana] E pode botar para cima também.

[Nuno] E pode botar para cima. Ela dá uma formatada... mas o voo, assim, às vezes, a melodia põe o negócio no lugar e você nem lembra mais...

[ Guitarra ]

[Mariana] *Ei, carroceiro - Ei, seu leiteiro*  
*Ei, seu cachorro - Eu nunca choro*  
*Dona da lua - Cara na rua - Vem cá*  
*Ei, motorista - Ei, trapezista - Industrial*  
*Tá no jornal - Dono do mundo - Chegou no fundo*  
*Cabou - Vem cá, deixa morrer - Cabou pra renascer*  
*O berro, o choro - O sol é o mar*  
*Eu sei, fiquei sozinho - Um eu pequenininho*  
*Lá no jardim de sal - Sem mãe*  
*Ei, carroceiro - Ei, seu leiteiro*  
*Ei, seu cachorro - Eu nunca choro*

[Mariana] E tem essa coisa do samba, né, Nuno?! Que é muito sua também, assim, muito verdadeira e, na essência, assim, sabe, o samba, esse samba do Paulinho, do Nelson Cavaquinho, só que aí você já bota para o seu lado, com suas letras. Já fica mais estranho, mas eu sinto que a essência tem muito esse espírito do samba que você tem que conectar, que tem algumas pessoas que se conectam com ele, com esse espírito. Acho o “Pedaço Duma Asa” um disco de samba assim.

[Nuno] Uhum... É, acho que tem muito mesmo. Eu, é... é curioso, eu acho que essa coisa do samba, vamos falar assim, “samba triste” ou “samba não malandro” - algo dessa ordem, foi uma espécie de escola para mim, para o Rômulo, para o Clima. E eu comecei a compor meio tarde, e o projeto inicial tinha um pouco a ver com esse mundo, que me parecia ser um mundo meio recessivo e com o qual eu me identificava muito. Eu sempre gostei muito do Nelson e... até hoje, eu o misturo com meu artista brasileiro predileto, artista plástico, que é o Goeldi, Oswaldo Goeldi, que faz aquelas xilografias lindas e desenhos lindos. Os dois têm, assim, uma coisa super próxima de rua. Então, essa região meio triste, meio rua, madrugada e um pouco mítica, isso me pegou. Eu imagino que, sei lá, outras gerações tenham também sentido isso, tanto que agora já passou tanto tempo e tal e isso ainda está lá, né?!

[ batida grave ]

[Mariana]  
*Tiraram meu defeito - De dentro do meu peito*  
*Disseram teu defeito - É só amar*  
*Melhor agir bem rápido - Me disse a junta médica*  
*Tememos, você muito sofrerá - Eu digo pra esses caras*  
*Não vêm tudo que eu quero - É só amar e amar*  
*Eu vi o amor brilhar - Pedaço duma asa*  
*Parecia carnaval*

[Mariana] O [Pedaço Duma] Asa, para mim, esse foi um disco pelo qual eu me apaixonei, né?! As canções e tal que não estavam nem um pouco previstas. Então, eu acho que foram outros voos que eu me permiti assim com esse disco.

[Nuno] E foi outra turma também tocando...

[Mariana] Foi outra turma, outro jeito. Então, eu acho que tem essa coisa da asa, de ser um pedaço de uma asa com que eu pude voar para outros caminhos.

[Nuno] Esse disco é uma coisa muito fora da curva, porque, assim, eu... Sabe que, nesse livrinho que eu estou fazendo agora, quando vem aquela minibiografia que você tem que por, eu sempre ponho assim: Nuno Ramos, não sei o quê... artista plástico e escritor; e nesse eu pus: Nuno Ramos, artista plástico, compositor e escritor.

[palmas]

[Nuno] Aí, quase que no dia seguinte, eu liguei para pedir, para tirar, mas deixei. Eu tenho uma certa dificuldade com isso. Engraçado, mas eu vou te dizer porquê. Eu me sinto parte lá do que o Rômulo, o Clima, o Rodrigo, o Kiko, essa turma está... nessa turma, eu não tenho a menor vergonha. Eles me mandam coisa, eu faço letra para o dia seguinte, quero mostrar, quero que cantem. É deles, não é meu. Eu estou ali, tipo assim, jogando naquele

time, entendeu? Agora, como você me isolou como compositor, tipo assim, pinçou. Eu não sei. Para mim, é muito estranho eu ter me metido como compositor, entendeu? É mesmo...

[Mariana] Você gosta de música, você escreve...

[Nuno] Eu adoro e eu escrevo, mas é... cara, eu sou muito desafinado, e esse negócio, [gaguejo] eu... hoje, eu gosto, de coração. Eu não sei, eu gosto mais de fazer do que depois de feito. É... uma vez, eu estava conversando com Cildo, e ele falou assim para mim: "aí, Nuno, para mim, o negócio é fazer, eu não gosto depois de feito, não me interessa, eu gosto de ter a ideia." Eu, como artista plástico, ao contrário, eu detesto imaginar, eu gosto de fazer, porque tem muita matéria. Eu gosto de ver aquele negócio pronto, sabe?

[Mariana] Aham...

[Nuno] Com literatura também. Eu gosto de ver pronto. Agora, com canção, eu acho tão mais divertido fazer, não sei. Eu faço, depois não me lembro. É uma coisa mais vagabunda.

[Mariana]

*Atrás dessa amizade - Andei pela cidade*

*Irmão do chão, do cão e da saudade -A lua me guiou, a chuva me molhou*

*Aos poucos, me tornei - Palhaço e rei*

*O vento punha o pó no peito livre de você*

*Aonde ninguém vê o pó, no peito livre de você*

[ Banda ]

[Nuno] Qual é a diferença entre cantar sentindo, assim, de uma atividade íntima, e cantar em público? Ou qual a diferença entre uma menina que cantava em casa e decidiu ser cantora, assim, eu sei que uma coisa é ter o público, a outra não é. Mas, como é que isso bateu dentro de você? A passagem de uma coisa para a outra?

[Mariana] É... eu sempre gostei, assim, de cantar porque cantar me levava para um lugar, é... livre, sabe? Então, eu cantava dentro de casa, mas eu já um pouco imaginava o público. Eu colocava umas bonecas, assim, para cantar... Tinha já essa troca que, para mim, é muito importante. Eu gosto muito do palco, dessa troca com o público, porque parece que realmente você tem que estar inteira. Você sozinha você dá suas "ratiadas" com você mesmo. Mas, com o público assim, você tem que estar firme e forte, inteira, presente, né?!

A presença, assim, tem que acontecer mesmo. Mas é engraçado porque eu lido com a mesma leveza. Eu acho, eu acho que foi uma brincadeira que eu consegui manter na minha vida, sabe? Eu gostaria só de cantar. Eu não queria falar nada.

[Nuno] Eu não gosto de artista falando.

[Mariana] Eu odeio falar, cara! Eu não gosto de falar, senão eu seria outra coisa. Eu gosto de cantar. Eu não sei falar, na verdade, por isso que eu canto. Mas eu tive que aprender, né?! Eu tive que aprender um monte de coisa, tipo, tirar foto, sabe? Porque eu tenho que tirar foto, mas isso foi uma coisa de que eu até gostei, eu trouxe para a arte mesmo. Hoje em dia, eu adoro.

[Nuno] Aquele cara rastejando pedindo assim...

[Mariana] **[gargalhadas]**

[Nuno] "Seja natural" e você, com o sujeito tendo um ataque epilético, virando assim... "não fica natural" é como se você estivesse pintando, super normal, imagina... 14 luzes em cima de você, 18 seres silentes te olhando, e esse "senhor" aqui, - Você pode, por favor, enquadrar? Abaixa um pouquinho. Isso daqui é um barato, né? Com perdão, é um símbolo fálico, evidente. Quando ele vem peludo, é uma espécie de "pau de marciano" .

[Mariana] **[Gargalhadas]**

[Batendo as mãos nas pernas]

[Nuno] Que vem, que, às vezes, aparece a pontinha, né?! Tudo isso é super normal.

[Risadas]

[Nuno] Mas, sabe o que eu penso às vezes?! Que é engraçado como a gente perdeu um pouco o direito de mostrar o que a gente faz mal, né?! Por exemplo, eu canto muito mal, eu danço muito mal e eu cozinho muito mal. São três coisas que eu faço muito mal e eu adoro as três. E é uma espécie também de direito civil você poder fazer o que... por exemplo,

falar; você fala mal, mas por isso é legal também, né?! As pessoas não precisam só mostrar o que elas fazem muito bem. Devia ter um lugar *[risos]* para você, é, enfim... Ser algo diferente dessa coisa competente que exigem...

[Mariana] Então, no próximo show, eu vou pedir para você dar uma canja, que você nunca deu.

[Nuno] Ah, não vou, putz. Eu tenho uma vergonha. É, não, um dia vai acontecer.

[Mariana] Eu tentei de todos os jeitos que o Nuno subisse no palco e cantasse uma música comigo. Você canta bem, toca, tipo...

[Nuno] Hum... não dá, não dá...

[Mariana] Vamos ver se a gente consegue hoje.

[Nuno] Um dia, eu chego lá.

[risadas de fundo]

[Mariana] Falamos bem, né?!

[Nuno] Falamos. Ah, você falou muito bem e eu nem cantei, então...

[Risadas]

[ Guitarra ]

[Nuno] Será que dá pra... vamos ver?

*Tem uma torre recitando um poema e com dedo me pede 1 real, tem um laquê, num sei o quê de mulher, uma estranha que ainda sobrou.*

*Moça do tempo, garota, num guento, raposa, vestido, maiô*

*Pede pro cão, meu irmão, a canção sabiá, sabiá, sabiá*

*Houve alegria, alegria na voz do que eu vi nenhum índio verá*

*Os pagantes não sabem rir, chegam antes num ovni, bege, joia, nylon*

[Risadas]

[Nuno] Ave Maria, que música complicada!

[ música ]